



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS  
INGLÊS E ESPANHOL**

**KALINI BEZERRA DA COSTA**

**A SUPERVALORIZAÇÃO DA FLUÊNCIA COMO ASPECTO DESFAVORÁVEL  
PARA O APRENDIZADO DE IDIOMAS**

**CABEDELO  
2023**

**KALINI BEZERRA DA COSTA**

**A SUPERVALORIZAÇÃO DA FLUÊNCIA COMO ASPECTO DESFAVORÁVEL  
PARA O APRENDIZADO DE IDIOMAS**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Especialização em  
Línguas Estrangeiras Modernas – Inglês e  
Espanhol– como requisito para a obtenção  
do grau de Especialista, sob a orientação do  
Professor Ms. Júlio Cesar Vasconcelos  
Viana.**

**CABEDELLO  
2023**

Dados Internacionais de Catalogação – na – Publicação – (CIP)  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB

---

C837s Costa, Kalini Bezerra da.

A Supervalorização da Fluência como Aspecto Desfavorável para o  
Aprendizado de Idiomas / Kalini Bezerra da Costa – Cabedelo, 2023.

17 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Línguas Estrangeiras  
Modernas a Distância – Inglês e Espanhol) – Instituto Federal de Educação,  
Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB.

Orientador: Prof. Me. Júlio César Vasconcelos Viana.

1. Fluência linguística. 2. Ensino de inglês. I. Título.

CDU 37:811.111

---

**KALINI BEZERRA DA COSTA**

**A SUPERVALORIZAÇÃO DA FLUÊNCIA COMO ASPECTO DESFAVORÁVEL  
PARA O APRENDIZADO DE IDIOMAS**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito para a  
obtenção do grau de Especialista em  
Línguas Estrangeiras Modernas –  
Inglês e Espanhol– IFPB – tendo sido  
aprovado pela banca examinadora  
composta pelos professores abaixo.**

**BANCA EXAMINADORA**



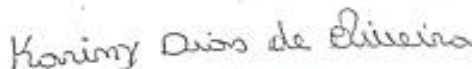
**Prof. Ms. Júlio César Vasconcelos Viana**

**Orientador – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba -  
IFPB**



**Prof.ª. Dra. Lucyana Sobral de Souza**

**Membro examinador – Instituição Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia da Paraíba - IFPB**



**Prof.ª. Esp. Kariny Dias de Oliveira**

**Membro examinador - Instituição Universidade Estadual da Paraíba**

## RESUMO

A presente pesquisa tem o intuito de compreender como a concepção de fluência em uma língua estrangeira por parte dos aprendizes pode se tornar um fator de desmotivação na jornada de aprendizado, haja vista que uma compreensão equivocada do conceito pode levar os aprendizes a estabelecerem uma comparação entre eles e os nativos da língua alvo, acreditando que só serão capazes de se comunicarem com propriedade quando obtiverem um conhecimento linguístico semelhante ou igual aos dos nativos que tem o idioma como língua materna. Para isso, inicialmente abrimos uma discussão a respeito da importância dada ao inglês no cenário mundial, haja vista que esse fator acaba por justificar a crescente demanda pelo aprendizado do idioma na atualidade. Além disso, buscamos compreender a concepção de fluência e a perspectiva popular a respeito da mesma, a qual, geralmente, supervaloriza a habilidade de *speaking* em detrimento das outras. Por fim, nosso foco se voltou ao professor nativo, com o intuito de entender porque o mesmo tem sido supervalorizado entre os estudantes, procurando debater sobre consequências desse pensamento para o professor aprendiz. Para alcançarmos esse objetivo, nossa pesquisa se fundamentou em alguns pensadores como: Chomsky (1965); David Crystal (2003); Alderson e Bachman (2004); Vilson Leffa (2016); Anjos (2019); Ceri Jones (2020), Deng, Zhang e Mohamed (2023); Ghane e Razmi (2023), entre outros. Metodologicamente, escolhemos o método de relato de experiência, RE, pois consideramos nossa experiência profissional como combustível que impulsionou o desenvolvimento desse trabalho. Além disso, também selecionamos a pesquisa bibliográfica como essencial para o nosso estudo, considerando que nos apoiamos em materiais produzidos por outros pesquisadores, fazendo uso do conhecimento existente para a produção de novos conhecimentos.

**Palavras-chave:** aprendizes; estudo; fluência; língua inglesa, nativo.

## ABSTRACT OU RESUMEN

This research aims to understand how learners' concept of fluency in a foreign language can become a demotivating factor in their learning journey, given that a misunderstanding of this term can lead learners to compare themselves with native speakers of the target language, believing that they will only be able to communicate properly when they have linguistic knowledge similar or equal to native speakers. To this end, we first discussed the importance given to English on the world stage, given that this factor justifies the growing demand for learning the language today. In addition, we sought to understand the concept of fluency and the popular perspective on it, which generally overvalues speaking skills to the detriment of others. Finally, we focused on the native teacher, with the aim of understanding why they have been overvalued among students, and debated the consequences of this thinking for the non-native teachers. To achieve this goal, our research was based on some thinkers such as: Chomsky (1965); David Crystal (2003); Alderson and Bachman (2004); Vilson Leffa (2016); Anjos (2019); Ceri Jones (2020), Zhang and Mohamed (2023); Ghane and Razmi (2023), among others. Methodologically, we chose the experience report method, RE, because we consider our professional experience to be the fuel that drove the development of this work. In addition, we also selected bibliographical research as essential to our study, considering that we relied on materials produced by other researchers, making use of existing knowledge to produce new knowledge.

**Keywords:** English language; fluency; learners; study, native.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>05</b>
<b>2 REFERENCIAL TEORICO .....</b>	<b>07</b>
<b>2.1 A importância da língua inglesa no cenário mundial.....</b>	<b>07</b>
<b>2.2 A concepção de fluência e a supervalorização da habilidade de <i>speaking</i>.....</b>	<b>08</b>
<b>2.3 A supervalorização do professor nativo.....</b>	<b>10</b>
<b>3 MÉTODO DA PESQUISA.....</b>	<b>12</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....</b>	<b>13</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>13</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>14</b>

## A supervalorização da fluência como aspecto desfavorável para o aprendizado de idiomas

Kalini Bezerra da Costa<sup>[1]\*</sup>, Ms. Júlio Cesar Vasconcelos Viana<sup>[2]</sup>

<sup>[1]</sup> kalinibezerra@gmail.com, Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia da Paraíba (IFPB), Brasil. 0000-0001-8253-8186.

<sup>[2]</sup> jcesarvasconcelos@hotmail.com, Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia da Paraíba (IFPB), Brasil.

**Resumo:** A presente pesquisa tem o intuito de compreender como a concepção de fluência em uma língua estrangeira por parte dos aprendizes pode se tornar um fator de desmotivação na jornada de aprendizado, haja vista que uma compreensão equivocada do conceito pode levar os aprendizes a estabelecerem uma comparação entre eles e os nativos da língua alvo, acreditando que só serão capazes de se comunicarem com propriedade quando obtiverem um conhecimento linguístico semelhante ou igual aos dos nativos que tem o idioma como língua materna. Para isso, inicialmente abrimos uma discussão a respeito da importância dada ao inglês no cenário mundial, haja vista que esse fator acaba por justificar a crescente demanda pelo aprendizado do idioma na atualidade. Além disso, buscamos compreender a concepção de fluência e a perspectiva popular a respeito da mesma, a qual, geralmente, supervaloriza a habilidade de *speaking* em detrimento das outras. Por fim, nosso foco se voltou ao professor nativo, com o intuito de entender porque o mesmo tem sido supervalorizado entre os estudantes, procurando debater sobre consequências desse pensamento para o professor aprendiz. Para alcançarmos esse objetivo, nossa pesquisa se fundamentou em alguns pensadores como: Chomsky (1965); David Crystal (2003); Alderson e Bachman (2004); Vilson Leffa (2016); Anjos (2019); Ceri Jones (2020), Zhang e Mohamed (2023); Ghane e Razmi (2023), entre outros.

**Palavras-chave:** aprendizes; estudo; fluência; língua inglesa, nativo.

### *The overvaluation of fluency as an unfavorable aspect for language learning* *Abstract*

**Abstract:** *This research aims to understand how learners' concept of fluency in a foreign language can become a demotivating factor in their learning journey, given that a misunderstanding of this term can lead learners to compare themselves with native speakers of the target language, believing that they will only be able to communicate properly when they have linguistic knowledge similar or equal to native speakers. To this end, we first discussed the importance given to English on the world stage, given that this factor justifies the growing demand for learning the language today. In addition, we sought to understand the concept of fluency and the popular perspective on it, which generally overvalues speaking skills to the detriment of others. Finally, we focused on the native teacher, with the aim of understanding why they have been overvalued among students, and debated the consequences of this thinking for the non-native teachers. To achieve this goal, our research was based on some thinkers such as: Chomsky (1965); David Crystal (2003); Alderson and Bachman (2004); Vilson Leffa (2016); Anjos (2019); Ceri Jones (2020), Zhang and Mohamed (2023); Ghane and Razmi (2023), among others.*

**Keywords:** *English language; fluency; learners; study, native.*

## 1 Introdução

O ato de comunicar sempre foi considerado uma atividade essencial para todos os seres vivos, no entanto, para os seres humanos a comunicação é um fator de tamanha importância, haja vista que, é através dessa ação que conseguimos nos expressar, transmitir informações, ideias, desejos e até mesmo sentimentos (BAKHTIN, 2016). Pensando a respeito das palavras do filósofo russo, Mikhail Bakhtin (2016, p.117), o homem se expressa por meio da linguagem e através dela constrói, desconstrói

ou reformula algo, sendo a interação o ambiente onde a língua vive e se desenvolve. Nesse contexto, compreendemos que para haver comunicação é necessária a interação entre os indivíduos e quando pensamos a respeito disso, entendemos que a vontade de se comunicar não é a única razão que justifica a crescente ânsia das pessoas por aprenderem novos idiomas; outros fatores também entram em questão como, por exemplo, a busca por melhores oportunidades de emprego, conhecer novas culturas e o interesse por compreender filmes, músicas e livros em outro idioma, entre outros.

Entre os idiomas que mais interessam aos aprendizes no cenário global, a língua inglesa demonstra ser uma das favoritas, haja vista a crescente busca pelo aprendizado da mesma em cursinhos e plataformas online, entretanto, ao nos voltarmos para a realidade brasileira percebemos que apenas 1% da população é considerada fluente no idioma. (EDUCA MAIS BRASIL, 2022). Entre os vários fatores que podem explicar essa problemática, temos o curto tempo de aprendizado do idioma em vários cursinhos particulares, assim como as metodologias focadas na estrutura da língua que ainda é uma realidade presente em algumas escolas brasileiras. No entanto, embora seja importante falarmos sobre a realidade do ensino de idiomas no Brasil, nossa pesquisa se desvia desse percurso para refletir sobre uma questão em particular que tem sido observada na realidade cotidiana de escolas públicas e privada, onde a concepção de fluência tem sido compreendida de tal forma que se tornou uma influência negativa no processo de aprendizagem dos alunos, refletindo também nos profissionais da área de idiomas. Posto isso, nos questionamos: tratando-se do termo fluência, qual o porquê de ela ser supervalorizada entre os aprendizes de idiomas e como a concepção de fluência pode agir negativamente na jornada dos aprendizes e profissionais de idiomas?

A partir dos questionamos propostos, estipulamos que alguns alunos possuem uma visão particular a respeito da fluência, idealizando que fluente é a pessoa que consegue se comunicar sem nunca cometer erros. Logo entendemos que esse pensamento surge de uma crença fantasiosa, onde não existe espaço para o erro. Outro aspecto desfavorável que se alimenta dessa perspectiva equivocada da fluência refere-se a enaltecimento do professor nativo em relação ao professor aprendiz, considerando que para muitos apenas o primeiro é capaz de ensinar o idioma com qualidade. Sendo assim, a presente pesquisa tem o objetivo de compreender como a concepção de fluência, por parte dos aprendizes, em uma língua estrangeira pode se tornar um fator de desmotivação na jornada de aprendizado, pois uma compreensão equivocada do conceito pode levar os aprendizes a estabelecerem uma comparação entre eles e os nativos da língua alvo, acreditando que só serão capazes de se comunicarem com propriedade quando obtiverem um conhecimento linguístico semelhante ou igual aos dos nativos que tem o idioma como língua materna (LM).

Considerando essa problemática, fazemos uso do trabalho de Sandra Puliezi e Maria R. Maluf, intitulado de *“A fluência e sua importância para a compreensão da leitura”*, o qual discute sobre a importância do desenvolvimento da fluência, especialmente, nas habilidades de leitura e compreensão. Além disso, Eva Sandoval, em sua pesquisa *how do we measure language fluency?* discute sobre as dificuldades em estabelecer uma definição para o termo fluência, dando ênfase na variedade de formas de avaliá-la. Por fim, acreditamos que nossa pesquisa detém de um caráter de importância, visto que não podemos apenas nos preocupar com o que ensinamos ou como ensinamos, mas também, sobre como esse ensinamento é recebido pelos alunos, os quais possuem uma visão particular sobre o próprio processo de aprendizagem. Para mais, nossa contribuição para a área de aprendizado de línguas consiste em mostrar que a simples compreensão equivocada do termo fluência pode se transformar em um aspecto desfavorável para o aprendizado, transformando-se em um dos fatores que podem levar a desmotivação e abandono dos estudos por parte dos aprendizes.

Sendo assim, dividimos nossa pesquisa em três partes, tendo o intuito de discutir a respeito das questões delimitadas anteriormente. Em um primeiro momento, tivemos o interesse de compreender a importância da língua inglesa no cenário mundial, baseando-nos principalmente em David Crystal (2003) e Vilson Leffa (2016) que discorrem sobre o quadro histórico referente ao desenvolvimento do idioma como língua franca. Posteriormente, propomos uma discussão referente à concepção de fluência, buscando compreender como os estudantes de idiomas definem esse conceito, tendo como contrapartida a perspectiva de Alderson e Bachman (2004), Anjos (2019) e Ceri Jones (2020) que se propõem a discutir sobre a temática proposta. Por fim, buscaremos debater sobre a importância dada



ao professor nativo em comparação ao professor aprendiz, tendo como base o pensamento de Chomsky (1965); Deng, Zhang e Mohamed (2023); Ghane e Razmi (2023), entre outros.

## 2 Referencial teórico

### 2.1 A importância da língua inglesa no cenário mundial

Quando paramos para observar o quanto a língua inglesa tem se destacado nos últimos anos, percebemos que a mesma tem se popularizado no contexto das redes sociais, no campo científico, nas transações internacionais, além de ter seu domínio cada vez mais exigido em vagas de empregos e viagens de intercâmbio, desencadeando assim uma busca crescente pelo aprendizado desse idioma em cursinhos e plataformas virtuais. De acordo com Crystal (2003, p.42) o inglês corresponde a uma língua de caráter global, ao considerarmos a presença do idioma em espaços públicos como aeroportos, parada de ônibus, supermercados, farmácias, entre outros, além do fato de, cada vez mais, indivíduos não nativos estão escolhendo o inglês para se comunicar. Por causa disso, muitos pesquisadores passaram a questionar esse favoritismo coletivo e discutir a respeito das origens dessa preferência pelo idioma ao redor do mundo. Nos parágrafos seguintes pretendemos trazer alguns dessas teorias e dialogar brevemente sobre a problemática em questão.

Ao estudarmos sobre o contexto histórico que garantiu a língua inglesa tamanha importância no cenário mundial moderno, logo compreendemos que esse destaque não aconteceu do dia para a noite, mas que corresponde a um processo que levou tempo, além de estar diretamente relacionado a diferentes fatores históricos, sociais e políticos referente aos países que possuem o idioma como língua materna (LM). Nas palavras Crystal (2003), para uma língua ser considerada de caráter global, a mesma deve “[...] develops a special role that is recognized in every country”<sup>1</sup>. (2003, p.03), ou seja, o idioma passa a predominar no cotidiano das pessoas, tendo grande relevância quando isso acontece em países onde o mesmo não corresponde a sua LM, visto que, embora as línguas coexistam no mesmo espaço, o fato de uma delas receber certo destaque em meio às outras, é uma prova de sua relevância social.

Considerando nosso cenário atual, compreendemos que o inglês têm se tornado predominante nos mais diversos espaços, especialmente ao que corresponde a comunicação. Na concepção de Leffa (2016), “para falar ao mundo precisamos de duas condições: a primeira de caráter essencial, é que tenhamos algo a dizer, a segunda, altamente recomendável, é que saibamos inglês” (LEFFA, 2016, p. 161-162). A partir dessa afirmativa, buscaremos agora compreender as razões que contribuíram para a importância dada a esse idioma. De acordo com Crystal (2013) um dos fatores que contribui para o destaque global de uma língua corresponde ao “[...] power of its people – especially their political and military power”<sup>2</sup> (CRYSTAL, 2013, p.09). Para conseguirmos compreender essa assertiva, devemos pensar um pouco sobre o destaque dado aos Estados Unidos em escala internacional. Cada vez mais as pessoas querem visitar o país, conhecer as pessoas e sua cultura, estimuladas pela produção em massa da indústria cultural americana que alimenta a curiosidade e a vontade de conhecer dos estrangeiros. Além disso, destacamos também a relevância política e militar dos USA, haja vista que, como determina o jornal da BBC em sua manchete “*Estados Unidos: perfil da maior potência do planeta*”, “o produto interno bruto americano representa quase um quarto da economia global, e seu orçamento militar é quase o mesmo que os gastos de todos os outros países somados” (BBC NEWS, 2022). Dessa forma, compreendemos o desenvolvimento dos Estados Unidos como o que chamamos de superpotência mundial ampliou a necessidade de outras nações buscarem compreender a língua inglesa, tornando-a assim de igual relevância.

Independente dos fatores contemporâneos, ao voltarmos no passado e analisarmos a trajetória de países onde o inglês é a língua materna, percebe-se que os mesmos em certo momento tiveram uma oportunidade significativa na historia e que acabou contribuindo para a jornada do inglês como uma língua global. Para Crystal (2013) alguns momentos históricos se destacam como veremos a seguinte:

---

<sup>1</sup> “[...] ter um papel de importância reconhecido em todos os países” (tradução minha).

<sup>2</sup> “[...] poder de seus cidadãos – especialmente seu poder político e militar” (tradução minha).

By the beginning of the nineteenth century, Britain had become the world's leading industrial and trading country. By the end of the century, the population of the USA (then approaching 100 million) was larger than that of any of the countries of western Europe, and its economy was the most productive and the fastest growing in the world. British political imperialism had sent English around the globe, during the nineteenth century, so that it as a language 'on which the sun never sets'. During the twentieth century, this world presence was maintained and promoted almost single-handedly through the economic supremacy of the new American superpower. Economics replaced politics and the chief driving force. And the language behind the US dollar was English<sup>3</sup>. (CRYSTAL, 2013, p.10).

Tendo como fundamento esse contexto apresentado anteriormente, compreendemos que a importância dada à língua inglesa parte de um conjunto de acontecimentos contribuíram para a popularização do mesmo no cenário internacional. Outros eventos proeminentes para a discussão, e que valem ser ressaltados, correspondem à contribuição dos avanços tecnológicos e a globalização. Tendo como base o pensamento de David Crystal (2013) compreendemos que o avanço dos meios de transporte e meios tecnológicos possibilitou a aproximação das distâncias, criando uma ponte de acesso entre as pessoas de diferentes países e nações, estimulando a vontade de conhecer novos lugares e culturas, sendo a comunicação um fator essencial para atingir esses fins. Essa crescente demanda por interação com pessoas de diferentes nacionalidades foi o que levou as organizações internacionais, como UNESCO, UNICEF, entre outras, a determinarem a necessidade de uma língua global, acreditando que essa ação contribuiria para facilitar a interação em vários contextos. (CRYSTAL, 2003, p.12).

Todavia, o objetivo dessas organizações não era o de supervalorizar uma língua e menosprezar as outras, pelo contrário, o objetivo era tornar a comunicação mais fácil, haja vista a praticidade com que as pessoas conseguiam alcançar umas as outras, algo que se mantém até os dias atuais. No entanto, existem pessoas que defendem a ideia de soberania da língua inglesa em relação às outras, sendo esse um pensamento que se fundamenta em um preconceito linguístico que não possui argumentos plausíveis, visto que todas as línguas possuem seu próprio valor cultural, histórico e relevância social e o fato do inglês se considerado uma língua global por muitos, é algo que Crystal (2013) considera questão de "sorte", afinal, "[...] any language at the centre of such an explosion of international activity would suddenly have found itself with a global status. [...] and English was apparently 'in the right place at the right time'<sup>4</sup>" (CRYSTAL, 2013, p.10).

Portanto, nessa seção tivemos o intuito de refletir sobre a importância dada a língua inglesa no cenário global, buscando compreender sobre as raízes dessa supervalorização e os fatores históricos, econômicos e políticos que contribuíram para tornar o inglês uma língua de caráter global. A seguir, temos interesse em refletir sobre a concepção de fluência em um idioma, além de compararmos a mesma com o pensamento comum entre alunos no contexto da sala de aula, levando em consideração a nossa experiência como profissional da área. Ademais, temos o intuito de discutir sobre a supervalorização da habilidade de fala (*speaking*) em relação às outras habilidades, escuta (*listening*), escrita (*writing*), e leitura (*reading*).

## 2.2 A concepção de fluência e a valorização da habilidade de *speaking*.

---

<sup>3</sup> "No início do século XIX, a Britânia se tornou a grande líder da indústria e do comércio na região. Ao final do século, a população dos USA (a qual se aproximava de 100 milhões) estava maior que qualquer outro país da Europa Ocidental, além de ter a economia mais produtiva e que crescia com mais velocidade do que as outras ao redor do globo. A política britânica imperialista enviou o inglês ao redor do mundo durante o século XIX, tornando a língua 'de onde o sol nunca se põe'. Durante o século XX, a economia do mundo se manteve promovida exclusivamente pela supremacia do poder da Nova América. A economia substituiu a força da política e a língua por trás do dólar era o inglês." (tradução minha).

<sup>4</sup> "[...] qualquer língua que estivesse no centro de tamanha explosão de atividades internacionais poderia ter assumido o status de língua global. [...] e o inglês, aparentemente, só estava no lugar certo, na hora certa." (tradução minha).

Ao propomos uma discussão a respeito do termo “fluência”, compreendemos que o conceito pode ser entendido de duas formas diferentes, tendo como base nossa experiência na sala de aula e o contato direto com os alunos diariamente. Para muitos aprendizes, o conceito popular consiste em ser capaz de compreender o idioma falado por nativos em situações cotidianas, além de ser capaz de se expressar e comunicar utilizando a língua alvo. No entanto, alguns aprendizes possuem uma noção mística sobre o aprendizado de uma língua estrangeira, na qual, eles associam à fluência a perfeição, idealizando que só serão fluentes quando forem capazes de se comunicar sem nunca cometerem erros. Partindo desse pressuposto, concordamos com Bhowmik (2015) ao afirmar que existe uma noção mítica do falante nativo que, ainda hoje, alimenta a poderosa indústria do ensino de inglês (BHOWMIK, 2015, p.10). Considerando essa problemática, compreendemos que esse pensamento cria um obstáculo a mais na trajetória do aprendiz, visto que, o mesmo acaba se afastando de um objetivo alcançável, e aproximando-se de uma meta fantasioso que, por ser algo inalcançável, logo se tornará um aspecto desfavorável para os seus estudos, resultando assim em frustração e desmotivação.

Sendo assim, inicialmente temos interesse em buscar compreender o termo fluência, acreditando na importância desse conhecimento para a temática em questão. De acordo com Alderson e Bachman (2004 *apud* Dutra, 2018, p.14) a fluência em um idioma:

[...] envolve dominar os sons da língua, acessar o vocabulário apropriado e combinar as palavras de modo inteligível, com hesitação mínima, além de entender e responder adequadamente, seja para manter relações sociais, seja para atingir objetivos comunicativos (ALDERSON e BACHMAN, 2004 *apud* Dutra, 2018, p.14).

Posto isso, a fluência então consiste na fluidez com que o aprendiz consegue fazer uso da LE, tendo a capacidade de compreender se expressar com facilidade no idioma em questão. Nas palavras de Koponen e Riggenschach (2000), a fluência pode ser considerada como “flow, continuity, automaticity, or smoothness of speech” (KOPONEN e RIGGENBACH, 2000, p.06). No entanto, para chegar à esse nível de conhecimento, a dedicação e o esforço são fatores determinantes, se afastando da crença popular de que para aprender um idioma é necessária a imitação do nativo, ou o convívio com o mesmo. De fato, sabe-se que a interação com esses ou o fato de viver em um país onde a língua alvo é utilizada cotidianamente pode ajudar no processo de aprendizado, até mesmo acelerá-lo, considerando a grande quantidade de *input* recebido e *output* produzido, contudo, esses não devem ser compreendidos como fatores essenciais para o aprendizado.

Ademais, outra questão a ser discutida corresponde à interpretação da fluência como algo internalizado nas pessoas, não como resultado de seu aprendizado. De acordo com Cerin Jones (2020), “we see ‘fluency’ as a quality of the speaker rather than a skill that can be learned. When talking about teaching and learning languages, this can cause problems<sup>5</sup>”. (JONES, 2020, p. 20). Ao internalizarmos esse pensamento, fortalecemos a ideia de que ao aprendermos um idioma como L2, somos vistos como inferiores a aqueles falantes da língua como L1, haja vista que para os mesmos o idioma é algo natural, enquanto que para os aprendizes consiste em algo que foi ensinado. Algo que fortifica esse pensamento consiste em cursinhos de idiomas que fazem suas propagandas tendo como base a supervalorização de professores nativos, destacando esse como um fator essencial para o aprendizado de um idioma. Algumas propagandas trazem as seguintes mensagens: “alcance a fluência aqui”, “inglês de verdade só com a gente”, “venha aprender com professores nativos”, entre outros. Essa mesma estratégia também pode ser observada em títulos de livros dedicados ao ensino de idiomas, como, por exemplo: “o segredo para falar inglês como um nativo em seis meses para pessoas atarefadas”, “inglês como um nativo: aprenda 10x mais rápido”; “inglês básico: fale como um nativo em uma lição para pessoas ocupadas” e assim por diante.

Ao analisarmos essas propagandas, percebemos que a chave do sucesso desse *marketing* depende da entrega de uma falsa esperança ao público, os fazendo acreditar que eles podem se tornar fluentes em uma língua estrangeira, da sua escolha, em um tempo mínimo, tudo porque terão contato

---

<sup>5</sup> “Nós vemos a fluência como uma qualidade dos falantes, em vez de uma habilidade que pode ser aprendida. Quando falamos sobre o ensino e aprendizado de uma língua, essa concepção pode causar problemas” (tradução minha).

com um nativo na língua alvo. O público que recorre a esses cursos estão em busca de “[...] quick and efficient courses focused on speaking and listening combined with learning specific terminology, maximising the utility of the language<sup>6</sup>” (BRITISH COUNCIL, 2014, p.23). Esses indivíduos, em sua maioria, consideram a presença do nativo como fator essencial para o aprendizado, haja vista que julgam o desenvolvimento das habilidades de fala (*speaking*) e escuta (*listening*) como mais importante do que as demais.

De acordo com Ceri Jones (2020), essa preferência dos aprendizes se deriva do fato de que, “they are studying a language in order to be able to use it – and to use it effectively [...] not only in the classroom, but ultimately out in the big wide world<sup>7</sup>” (JONES, 2020, p.20). Contudo, a problemática surge quando os aprendizes passam a supervalorizar a habilidade de fala, acreditando que só com o desenvolvimento da mesma que poderão se tornar fluentes, deixando de lado as outras habilidades que são fundamentais para sua aprendizagem, como por exemplo, a aquisição de vocabulário através da leitura e o contato com músicas, filmes e series, além do desenvolvimento da escrita e das regras gramatical que compõem a estrutura da língua. Na perspectiva de Hulstijn (2015), a fluência pode ser compreendida como “knowledge of language and the ability to access, retrieve and use that knowledge in listening, speaking, reading and writing<sup>8</sup>” (HULSTIJIN, 2015, p. 21). Partindo desse pressuposto, entendemos a fluência como uma habilidade que não está associada com o a uma competência em específica, mas a um conjunto que ao serem desenvolvidas, permitem ao aprendiz se expressar com mais facilidade no idioma.

Recapitulando a problemática abordada nessa seção, discutimos a respeito da concepção de fluência nos baseando em alguns teóricos, além de considerarmos a perspectiva dos aprendizes a partir da nossa experiência na sala de aula. Em seguida, falamos sobre as propagandas e matérias que divulgam a importância do nativo para o processo de aprendizagem, considerando-o essencial, além de determinarem a habilidade de fala como determinante para atingir a fluência. Por fim, defendemos a necessidade de uma aprendizagem que valorize todas as habilidades como um conjunto, considerando que, para atingir a fluência, é necessário um conhecimento abrangendo do idioma. Na seção seguinte nos propomos a discutir sobre como a concepção fantasiosa da fluência tem tido como resultado a desvalorização dos educadores em relação aos professores nativos que tem se tornado os favoritos pelos aprendizes e cursinhos de idiomas. Essa preferência pelo nativo sempre existiu, haja vista que na mente dos aprendizes esse último é visto como mais apto para o ensino pelo simples fato do mesmo ter o idioma em questão como sua língua materna. Esquecendo-se assim que o professor aprendiz corresponde a aquele que se dedicou ao aprendizado do idioma, tendo assim a capacidade de se colocar no lugar do aprendiz, reconhecer suas dificuldades em relação ao idioma em questão. Falaremos com mais profundidade sobre isso a seguir.

### 2.3 A supervalorização do professor nativo

Ao consideramos o professor dedicado ao ensino de línguas estrangeiras, compreendemos que seu papel é constantemente avaliado, seja por causa da sua didática, pela forma que aborda os alunos ou a maneira como se posiciona no ambiente da sala de aula. Nessa pesquisa, temos interesse em discutir sobre a importância dada ao professor nativo na atualidade, estando este cada vez mais sendo elevado a um patamar superior em relação ao professor aprendiz. Essa opinião popular tem se fortalecido graças à publicidade feita, em sua maioria, por instituições privadas e cursinhos, presenciais ou online, que defendem a importância do nativo para o aprendizado de uma LE, visto que essas instituições, por possuírem professores nativos, criam sua propaganda com base nisso para atrair a atenção do público interessado. Essa maneira de enxergar o nativo tem resultado na desvalorização dos professores aprendizes, pois, embora “[...] these so-called ‘non-native English speaking teachers’

---

<sup>6</sup> “[...] buscam cursos rápidos e eficientes que tenham foco nas habilidades de fala e escuta, combinadas a terminologias específicas que buscam maximizar a utilidade da língua” (tradução minha).

<sup>7</sup> “o que eles querem é serem capazes de utilizar a língua sobre a qual estão estudando, [...] não apenas no ambiente da sala de aula, mas também em situações cotidianas da realidade em que vivem” (tradução minha).

<sup>8</sup> “conhecimento da língua e a capacidade de acessar, reaver, e usar o conhecimento na escuta, fala, leitura e escrita” (tradução minha).

(NNESTs) constitute about 80% of the teaching force globally.<sup>9</sup>” (MOUSSU, 2018, p.02), ao serem postos em comparação, os não-nativos acabam sendo visto por muitos como inferiores.

Antes de nos aprofundarmos nessa discussão, consideramos refletir a respeito da concepção de “nativo”, visto que para compreender porque os professores que correspondem a essa categoria têm sido superestimados, é importante que saibamos o que o termo em si implica, especialmente no campo de ensino de idiomas. Na perspectiva de Chomsky (1965) o falante nativo corresponde a “[...] someone who has been speaking the language as their first language since birth and raised in that language<sup>10</sup> (CHOMSKY, 1965, p.02). Partindo desse pressuposto, percebemos que o nativo é à pessoa que aprendeu o idioma referente ao ambiente em que nasceu e se criou, sendo essa considerada sua primeira língua ou língua nativa. No entanto, a crença popular idealiza o nativo como quem possui um conhecimento mais expansivo do idioma, especialmente ao que se remete ao vocabulário e a pronúncia dos sons. Conforme afirma Marek Kiczowski (2014), em seu artigo na revista *British Council*, algumas razões populares que justificam a preferência pelo professor nativo consiste nas seguintes: “(1) students prefer NESTs; (2) students need NESTs to learn ‘good’ English; (3) students need NESTs to understand ‘the culture’, (4) NESTs are better for public relations<sup>11</sup>” (KICZKOWIAK, 2014. P.20). Ao considerarmos a citação anterior, observamos que Marek chama a atenção para as razões que justificam a preferência de muitos aprendizes por professores nativos, pois os mesmos acreditam que apenas através desse último que poderão aprender o “inglês de verdade” ou entender aspectos relacionados à cultura e uso diário da língua.

Contudo, quando voltamos nossa atenção para o professor não nativo, Ghane e Razmi (2023) afirmam que muitos aprendizes se sentem mais confortáveis com eles, destacando “[...] their ability to provide effective structural grammar lessons and empathy for student learning difficulties<sup>12</sup>” (GHANE e RAZMI, 2023, p.02), além de enfatizar o fato desses profissionais utilizarem a língua materna dos alunos quando necessário, sendo essa uma estratégia que visa “[...] facilitate and accelerate the English learning process<sup>13</sup>” (GHANE e RAZMI, 2023, p.02). Todavia, para aqueles que criticam os professores não nativos, alguns dos argumentos que podemos destacar são os seguintes: “[...] possess poor oral skills and cultural knowledge<sup>14</sup>” (GHANE e RAZMI, 2023, p.03), sendo que, como vimos anteriormente, esses correspondem aos aspectos que tornam o nativo preferível, mas que no caso do professor aprendiz, são destacados como aspectos desfavoráveis para a sua escolha.

As razões que justificam a preferência pelo nativo são as mesmas que norteiam a discussão proposta nessa seção, visto que, embora seja válida a preferência de um profissional em relação ao outro, o problema surge quando comparamos ambos e decretamos a superioridade de um indivíduo sob o outro, resultando assim em menores oportunidades de trabalho, além de criar um sentimento de inferioridade nos professores aprendizes. Encontramos um exemplo dessa desigualdade em muitos países, como a Coreia, por exemplo, onde a desvalorização do professor não nativo é um problema alarmante, visto que a maior quantidade das vagas oferecida é direcionada aos professores nativos, sendo a proficiência um aspecto definitivo para a contratação. Ao refletirmos sobre essa realidade, concordamos com David Crystal (2003) ao determinar que não apenas a fluência pode ser levada em consideração no momento da contratação, haja vista que para o ensino da língua ser feito de forma eficiente, conhecer o idioma apenas não basta, é necessário saber como ensiná-lo. Nas palavras do

---

<sup>9</sup> “[...] Esses chamados de ‘professores de inglês não-nativos’ correspondem a 80% da força de ensino global” (tradução minha).

<sup>10</sup> “[...] alguém que fala a língua como sua primeira língua desde o nascimento e se criou nela” (tradução minha).

<sup>11</sup> “(1) Os alunos preferem professores nativos falantes da língua inglesa, (2) eles precisam de professores nativos falantes da língua inglesa para aprender o ‘bom’ inglês, (3) eles precisam de professores nativos falantes da língua inglesa para entender a cultura, (4) os professores nativos falantes da língua inglesa são melhores na relação com o público.” (tradução minha).

<sup>12</sup> “[...] sua habilidade de promover lições com estruturas gramaticais e mostrar empatia pelos alunos durante momentos de dificuldades no aprendizado.” (tradução minha).

<sup>13</sup> “[...] facilitar e acelerar o processo de aprendizagem do inglês.” (tradução minha).

<sup>14</sup> “[...] possui fraca habilidade oral e conhecimento cultural.” (tradução minha).

pensador, “[...] all sorts of people are fluent, but only a tiny proportion of them are sufficiently aware of the structure of the language that they know how to teach it.”<sup>15</sup> (CRYSTAL, 2003, p. 10).

Para Deng, Zhang e Mohamed (2023) essa crença de que o falante nativo é superior ou mais habilidoso do que o professor aprendiz pode ser denominado de “native-speakerism”, termo este que é definido da seguinte forma:

[...] based on the unfounded myth that they (native speakers) are more proficient and skilled, making them superior English language teachers. Historically, native-speakerism has been extensively accepted by the public, particularly by foreign language students and their teachers as well as education program administrators. It shapes a discriminatory and dichotomic perspective on the linguistic and cultural differences between NESTs and NNESTs<sup>16</sup>. (DENG, ZHANG e MOHAMED, 2023, p.02, grifo meu).

Embora essa concepção seja criticada por muitos especialistas, este pensamento permanece sendo algo que se mantém na mente de vários aprendizes, os quais valorizam a proficiência acima da experiência, qualificação e até mesmo personalidade do profissional. Tem se tornado comum falantes nativos serem priorizados em vagas de trabalho, mesmo não apresentando um currículo com qualificações semelhantes ou melhores que um professor aprendiz. O resultado disso é um profissional que, de fato, conhece a língua alvo, mas que não possui conhecimentos pedagógicos, além de demonstrar ter dificuldade em explicar questões relacionadas à gramática, afinal muito do que ele sabe sobre a língua é algo natural para o mesmo, para mais, em muitos casos, apresenta dificuldade de se relacionar com os alunos, afinal, possui escasso conhecimento da língua materna de seus aprendizes. Por causa disso, consideramos importante refletir sobre essa problemática, como buscamos fazer nessa seção, tendo o intuito de compreender como ambas as partes são prejudicadas pelo estímulo de uma concepção fantasiosa que tem sido alimentada por propagandas que tem o intuito de passarem uma boa impressão de suas instituições, ou o material em questão, mas que acabam por motivarem os aprendizes a acreditarem em um mito que pode ser o responsável pelo desestímulo de sua jornada de aprendizagem, considerando que, ao ter contato com o nativo antes de possuir certa base de conhecimento, o mesmo pode apresentar dificuldade de compreensão e interação, resultando em uma frustração e, possivelmente, desistência.

### 3 Método da pesquisa

Para Silveira, Flor e Machado (2011) o conhecimento científico “[...] é aquele que ultrapassa os limites do empirismo e procura conhecer não só o fenômeno em si, mas suas causas e leis”. (SILVEIRA, FLOR e MACHADO, 2011, p.20). Dessa forma, compreendemos que para encontrar o conhecimento, o pesquisador precisa ultrapassar os limites impostos pelo senso comum, utilizando métodos e diferentes estratégias para investigar os fenômenos relacionados ao homem e seu espaço em sociedade. Sendo assim, nessa pesquisa, temos curiosidade em investigar como a concepção de fluência, em uma língua estrangeira por parte dos aprendizes, pode se tornar um fator de desmotivação na jornada de aprendizado, haja vista que uma compreensão equivocada do conceito pode levar os aprendizes a estabelecerem uma comparação entre eles e os nativos da língua alvo, acreditando que só serão capazes de se comunicarem com propriedade quando obtiverem um conhecimento linguístico semelhante ou igual aos dos nativos que tem o idioma como língua materna.

Para isso, nossa pesquisa se divide em três partes fundamentais, estando a primeira referente a uma discussão sobre a importância dada a língua inglesa no decorrer dos anos, buscando compreender

---

<sup>15</sup> “[...] todas as pessoas são fluentes, no entanto, apenas uma pequena parte delas estão conscientes o suficiente a respeito da estrutura de uma língua para que possam ensiná-la” (tradução minha).

<sup>16</sup> “[...] se baseia em um mito sem fundamento de que eles (os falantes nativos) são mais competentes e habilidosos, os tornando superiores aos professores de idiomas. Historicamente falando, ‘native-speakerism’ tem sido aceito pelo público desde muito tempo atrás, principalmente por estudantes estrangeiros e seus professores, assim como administradores de programas educacionais. O pensamento que corresponde a esse termo molda uma perspectiva discriminatória e dicotômica das diferenças linguísticas e culturais entre professores nativos e professores não-nativos” (tradução minha, grifo meu).

os caminhos que a levou a se tornar uma das línguas de maior destaque internacional. Na segunda parte, temos a intenção de definir a concepção de fluência, como a mesma é vista pelos aprendizes e a importância que os mesmos atribuem à habilidade em *speaking* em comparação com as outras habilidades. Por fim, temos interesse em investigar a supervalorização dada ao professor nativo na atualidade, não deixando de destacar as consequências dessa relevância para o professor aprendiz.

Para atingir os fins mencionados, escolhemos o método de relato de experiência, RE, pois consideramos nossa experiência profissional como combustível que impulsionou o desenvolvimento desse trabalho. Além disso, também selecionamos a pesquisa bibliográfica como essencial para o nosso estudo, considerando que nos apoiamos em materiais produzidos por outros pesquisadores, fazendo uso do conhecimento existente para a produção de novos conhecimentos. Por fim, tivemos interesse em refletir sobre a temática abordada, dando importância às causas e efeitos dessas questões para os alunos, os profissionais da área, o ambiente escolar e a sociedade no geral, visto que nosso método de pesquisa nos proporciona a produção de um estudo de relevância para o campo de pesquisas, com embasamento científico e reflexão crítica (MUSSI, FLORES, ALMEIDA, 2021).

#### **4 Resultados e discussões**

A elaboração desse estudo nos mostrou que o inglês pode ser considerado uma língua de caráter internacional, haja vista as raízes que justificam sua elevação social nas mais diversas áreas de conhecimento como: a ciência, tecnologia, o âmbito dos negócios, comércio e turismo. Essa relevância dada ao inglês nos levou a perceber porque o mesmo se tornou uma das línguas mais desejada pelos indivíduos em nossa sociedade. Contudo, também compreendemos, a partir das referências utilizadas, que o inglês não corresponde a uma língua especial, mas sim, qualquer outra língua poderia ser considerada uma língua franca, no entanto, vários fatores fizeram com que o inglês se tornasse o idioma de maior destaque na atualidade.

Nessa pesquisa também abordamos a concepção mística que rodeia o termo nativo em nossa sociedade atual, a qual, costuma ser utilizada pela indústria na construção de propagandas que oferecem ao público a esperança de um aprendizado rápido e em um curto espaço de tempo. Essa perspectiva acerca do nativo tem como resultado a supervalorização da habilidade de fala e escuta dos aprendizes, menosprezando as outras habilidades que são igualmente essenciais. Considerando essa problemática, concluímos que as propagandas podem se tornar um obstáculo a mais na trajetória do aprendiz, visto que, o mesmo acaba se afastando de um objetivo alcançável, aproximando-se de uma meta fantasioso que, por ser algo inalcançável, se torna um aspecto desfavorável para os seus estudos, tendo como resultado a frustração e desmotivação.

Por fim, outra conclusão estabelecida a partir desse estudo corresponde à comparação entre professores nativos e não nativos, onde percebemos então que existe sim uma preferência pelo professor nativo, norteadas pela superstição da superioridade do mesmo. Como resultado, tendo como base as nossas referências, constatou uma diminuição nas oportunidades de trabalho para os professores aprendizes, além de criar um sentimento de inferioridade nos mesmos.

#### **Considerações finais**

Nesse trabalho discutimos a respeito da importância atribuída a língua inglesa em nossa sociedade, considerando a crescente busca pelo aprendizado do mesmo. Para mais, abordamos a concepção de fluência, demonstrando curiosidade na perspectiva popular do conceito em contrapartida com a perspectiva científica. O mito da supremacia do nativo também foi alvo desta pesquisa, onde buscamos trazer alguns dos argumentos que justificam a preferência pelo professor nativo, destacando também a maneira que os aprendizes compreendem o professor não nativo e seu desempenho no ambiente de ensino. Partido desse pressuposto, concluímos que os estudantes demonstram uma preferência pelo falante nativo, visto que, esse favoritismo se desenvolve a partir da superstição popular de que só se pode aprender um idioma verdadeiramente se o mesmo for ensinado por um falante da língua como LM, haja vista que, para muitos, o nativo é visto como sinônimo de perfeição. Por causa dessa supervalorização dos profissionais nativos, os professores nacionais têm enfrentado dificuldades referentes à diminuição de seu espaço no mercado de trabalho, considerando que a

proficiência tem se tornado um dos quesitos mais cobiçados nas mais diversas profissões, além de se verem sendo inferiorizados diante da presença do nativo.

Portanto, consideramos que nossos objetivos foram alcançados, afinal, fomos capazes de chamar atenção para a problemática em questão, além de proporcionarmos uma reflexão referente às consequências da valorização excessiva de um tipo de profissional em detrimento do outro. Em suma, percebemos que, com essa pesquisa, conseguimos trazer considerações de importância a respeito dos aprendizes, seu processo de aprendizagem, do professor nativo e da valorização da habilidade de *speaking* em nossa sociedade moderna. Além do mais, fomos capazes de colocar o aprendiz sobre uma diferente perspectiva, onde, não estamos preocupados não apenas com o que ensinar ou como ensinar, mas nos questionamos a respeito de como esse processo de aprendizagem é compreendida pelos alunos, considerando suas preocupações individuais que, quando norteada por um pensamento fantasioso, que se alimenta de propagandas e do *marketing* mal intencionados que visam apenas atrair o público alvo, temos como resultado, em muitos casos, a frustração e a desmotivação dos aprendizes o que justifica a baixa taxa de alunos que conseguem atingir o nível de fluência, pois mesmo que a proficiência seja uma habilidade desejada por muitos, são poucos aqueles que conseguem trilhar o caminho de aprendizagem ao ponto de assumirem esse nível de conhecimento, afinal, como podemos ver na discussão proposta pelo nosso estudo, o aprendizado de um idioma pouco tem a ver com a presença do nativo, mas se relaciona com a persistência e a busca constante pelo aprendizado, seja através da escuta, fala, leitura ou escrita

## Referências

- ANJOS, F. A. D. **Desestrangeirizar a língua inglesa: um esboço da política linguística**. Cruz das Almas/BA: UFRB, 2019.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de BEZERRA, Paulo. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BRASIL, Educa mais. Estudo aponta que fluência em inglês no Brasil não passa de 1%. **Jornal VS**, 2022. Disponível em: [https://www.jornalvs.com.br/informe\\_especial/2022/05/31/estudo-aponta-que-fluencia-em-ingles-no-brasil-nao-passa-de-1.html](https://www.jornalvs.com.br/informe_especial/2022/05/31/estudo-aponta-que-fluencia-em-ingles-no-brasil-nao-passa-de-1.html). Acesso em: 07 dez. 2023.
- BEZERRA, Eudes. Por que o inglês se tornou uma língua universal? **Incrível História**, 2019. Disponível em: <https://incrivelhistoria.com.br/ingles-lingua-universal/>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- BBC, news. **Estados Unidos: perfil da maior potência do planeta**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56286973>. Acesso em: 03 dez. 2023.
- COUNCIL, british. **Learning English in Brazil: understanding the aims and expectations of the Brazilian emerging middle classes**. Disponível em: <https://learnenglish.britishcouncil.org/>. Acesso em: 11 dez. 2023.
- CRYSTAL, David. **English as a global language**. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Massachusetts: MIT Press, 1965.
- DENG, ZHANG e MOHAMED. **Exploring native and non-native English speaker teachers': perceptions of English teacher qualities and their students response**. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2023.1175379/full>. Acesso em: 07 dez. 2023.
- DUTRA, Eber Clayton. **Fluência oral em língua inglesa: concepções, perspectivas e a avaliação da aprendizagem**. 2018. 123 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)—Universidade de Brasília, Brasília, 2018.
- GHANE, M. H. e RAZMI, M. H. **Exploring the effectiveness of Native and non-native English teachers on EFL Learners': accuracy, fluency and complexity in speaking**. Disponível em: <https://www.hindawi.com/journals/edri/2023/4011255/>. Acesso em: 09 dez. 2023.



HULSTIJN, J. H. **An Individual-Differences Framework for Comparing Nonnative with Native Speakers:** Perspectives From BLC Theory. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/lang.12317>. Acesso em: 11 nov. 2023.

JONES, CERI. What is fluency, and can it be taught? **World of better learning.** Disponível em: <https://www.cambridge.org/elt/blog/2020/01/22/fluency-can-it-be-taught/>. Acesso em: 09 dez. 2023.

KOPONEN, M. e RIGGENBACH, H. **Overview:** varying perspectives on fluency. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/265887417\\_Complexity\\_Accuracy\\_and\\_Fluency\\_in\\_Second\\_Language\\_Acquisition](https://www.researchgate.net/publication/265887417_Complexity_Accuracy_and_Fluency_in_Second_Language_Acquisition). Acesso em: 20 dez. 2023.

LEFFA, Vilson J. **Língua estrangeira:** Ensino e aprendizado. Pelotas: EDUCAT, 2016.

SANDOVAL, E. **How do we measure language fluency?.** Disponível em: <https://www.bbc.com/future/article/20190903-linguistic-fluency-proficiency-second-language-learning>. Acesso em: 10 out 2023.

SILVEIRA, C. R; FLOR, R, C; MACHADO, R.R. **Metodologia de pesquisa.** Florianópolis: Publicações do IF-SC, 2011.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. **Linguistic genocide in education or worldwide diversity and human right?** Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.

PULIEZI, S; MALUF, M. R. **A fluência e sua importância para a compreensão da leitura.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/jdXqdwBLBRhVswxj4Yj3dYs/#>. Acesso em: 10 out 2023.